



HOMOFOBIA, LESFOBIA, TRANSFOBIA: toda forma de preconceito e discriminação por orientação sexual e identidade de gênero e a repercussão nos meios de comunicação¹

Luiza Carla Cassemiro²

RESUMO

O artigo tem como objetivo explicitar como as temáticas de gênero e sexualidades, perpassando pelos meios de comunicação. Estes veículos circulam informações representando a diversidade de pensamento, no entanto, assistimos no discurso deles, que a diversidade sexual, como algo “natural”, construindo mais um alicerce ao padrão normativo hegemônico. Percebemos avanços do movimento LGBT, contrário às atrocidades cometidas por este Estado democrático burguês que levanta a bandeira que não existe, preconceito, mas não dá espaço para o diálogo para o processo de reabertura democrática e a publicização destes temas que estão presos no mundo privado e levados a uma discussão pública.

Palavras-chave: Preconceito. Discriminação. Meios de Comunicação e Direitos.

ABSTRACT

The article aims to explain how the themes of gender and sexuality, passing by the media. These vehicles circulate information representing the diversity of thought, however, witnessed in their speech, that sexual diversity as something "natural", building a foundation to more hegemonic normative standard. We realized advances the LGBT movement, contrary to the atrocities committed by this bourgeois democratic state raising the flag does not exist, prejudice, but no room for dialogue for the democratic reopening and the publicity of these issues that are trapped in the private world and led to a public discussion.

Keywords: Prejudice. Discrimination. Media and Rights.

¹ Este trabalho é resultado de pesquisas que deu início na graduação em Serviço Social, perpassando pelo mestrado também no Serviço Social, também pela experiência enquanto assistente social no Centro de Referência de Promoção da Cidadania LGBT (Programa Rio sem Homofobia) e também nas experiências como docente há quatro anos. Atualmente é docente do curso de Serviço Social da Universidade Veiga de Almeida, campus Cabo Frio/RJ.

² Mestre. Universidade Veiga de Almeida (UVA). E-mail: luizac.cassemiro@gmail.com



INTRODUÇÃO

*“Há uns que nos falam e não ouvimos;
há uns que nos tocam e não sentimos;
há aqueles que nos ferem e
nem cicatrizes deixam, mas...
há aqueles que simplesmente
vivem e nos marcam por toda vida”.*

Hannah Arendt

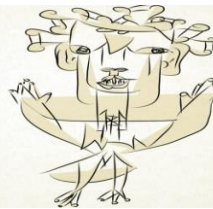
Este trabalho apresentado traz aspectos referentes ao encontro com a temática LGBT, resultante da aproximação acadêmica de estudos e pesquisas de temas que envolvem sexualidades, gênero, identidade de gênero e diversidade sexual e, também, do contato com estas pessoas em minha rede pessoal de relacionamentos e nas redes sociais.

Também é fruto das minhas pesquisas científicas realizadas na graduação, mestrado em Serviço Social, bem como minha atuação enquanto assistente social do Programa Rio Sem Homofobia no Rio de Janeiro, atuando como docente do curso de Serviço Social Universidade Veiga de Almeida, bem como no NEZO Educacional, Assessoria e Consultoria e curso de pós-graduação lato sensu, Serviço Social e Políticas Sociais e Gestão de Políticas Sociais: Saúde e Assistência Social, participação em congressos, seminários que debata aspectos referentes ao encontro com a temática.

Assim, ao longo da minha vida acadêmica e de pesquisadora, tenho me debruçado sobre o tema geral da diversidade sexual e as implicações desta diversidade, o que tem se mostrado de grande importância para o cotidiano das relações sociais.

O presente trabalho traz uma discussão acerca do tema homofobia nos meios de comunicações, tendo como pano de fundo, a redes sociais, como Facebook, novelas da Rede Globo, jornais, revistas que retratam no cotidiano, questões conservadoras e valores morais que atravessam as temáticas de corpo, gênero e sexualidades.

O artigo tem como objetivo compreender a homofobia, lesbofobia, transfobia como uma expressão da violência, anunciada pelo ódio, preconceito e repugnância, contra a população LGBT, tendo uma cobertura na mídia, nas redes sociais de uma forma sensacionalista e banalizada. Os meios de comunicação, destacando o jornalismo, revistas, internet, são veículos que circulam informações retratando a realidade, representando a diversidade de pensamento, a multiplicidade de culturas e sexualidades.



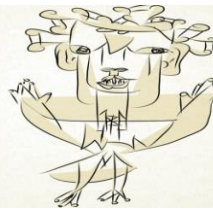
Alguns fatos contribuíram para que este tema tornasse mais visível, entre eles, a reportagem que o jornal “Folha de S. Paulo” publicou uma matéria na edição de domingo (09/02/2014) propondo estratégias de segurança para a comunidade LGBT se protegerem contra crimes homofóbicos. O conteúdo da “cartilha” propõe que as pessoas LGBT’s abram mão de uma série de direitos conquistados pelas lutas ao longo dos anos, o jornal apresentava dicas como: “Evite lugares abertos: ir a locais fechados sempre que possível para aumentar segurança”; “Não dar pinta: alguns trejeitos podem atrair a atenção de criminosos”; e “Evitar andar de mãos dadas e beijar em locais públicos”.

Além disso, recentemente fatos como: O primeiro beijo gay entre o casal Félix (Mateus Solano) e Niko (Tiago Fragoso) no folhetim de Walcyr Carrasco, durante a exibição do último capítulo da novela “Amor à vida”, o casamento gay, aprovação da PLC 122 – (projeto de Lei que criminaliza a homofobia), o debate político de representantes da sociedade civil organizada, dentre os quais destacamos líderes políticos e religiosos como Silas Malafaia, líder da Igreja Assembleia de Deus/Vitória em Cristo(RJ), Jair Bolsonaro, militar da reserva e deputado federal PP/RJ, também deputado federal (PSC/SP) e pastor Marco Feliciano, que expressam ações contrárias aos direitos LGBT’s, acusando a mídia a fazer apologia em favor da aprovação da lei de homofobia.

No entanto, assistimos a partir do discurso deles, a orientação sexual e a homofobia, como algo “natural”, de “lugar comum”, construindo mais um alicerce ao padrão normativo hegemônico, a heteronormatividade, partindo do pressuposto atribuições de valores aos sujeitos gays marginalizados, às feminilidades, às masculinidades, aos arranjos familiares, à sexualidade e às relações de poder.

Hoje em dia não é possível mais alimentar um discurso de que somos ou vivemos numa sociedade homogênea, há uma diversidade enorme que salta aos nossos olhos e nos confronta no dia a dia. Isso é importante porque se desejamos lutar para efetivar direitos, é preciso reconhecer a igualdade na diferença e na diversidade, o que não pode ser traduzido e resumido em desigualdade e injustiça. Portanto, faz-se necessário uma interlocução entre a teoria e a prática, para efetivar, garantir direitos e para que todos os cidadãos e cidadãs sejam reconhecidos independentemente da sua diversidade sexual e identidade de gênero, demandando novos estudos e pesquisas com apropriação teórico-metodológica crítica.

Essa pesquisa está em andamento e pretende conhecer as pessoas com orientação sexual e identidade de gênero e como são estabelecidas as relações sociais no cotidiano, numa sociedade conservadora, sociedade esta que tem visão de mundo ou ponto de vista político que valoriza e defende instituições tradicionalmente estabelecidas e resiste a determinadas mudanças com base nos valores morais.



DESENVOLVIMENTO

A década de 60 foi um período de grande questionamento sobre diversos assuntos, entre eles a sexualidade e o foco mais importante desse momento foi como o sexo poderia ser fonte de prazer e não apenas para reprodução humana.

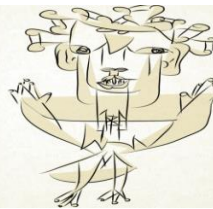
Formam-se grandes movimentos sociais nesta época, sendo que o movimento LGBT vem questionar as relações afetivo-sexuais no âmbito das relações íntimas do espaço privado. O seu desenvolvimento depende da satisfação de necessidades como: desejo de contato, intimidade, expressão emocional, carinho, amor. Conhecer a própria sexualidade e vivenciá-la com prazer e responsabilidade é direito de todos.

A orientação sexual é a atração afetiva e sexual que uma pessoa sente pela outra. É o impulso erótico que atrai o olhar de interesse e desejo por alguém. Distinguem-se facilmente dos outros componentes da sexualidade, entre eles o sexo biológico, a identidade sexual (o senso psicológico de ser homem e mulher) e o papel social de gênero (a adesão a normas culturais de comportamento sexual, papéis sexuais de gênero), porque diz respeito aos sentimentos e à imagem que a pessoa tem de si mesma.

A orientação sexual também difere de identidade sexual, porque há homens, por exemplo, cuja orientação do desejo é pra outros homens, mas não se aceitam e vivem escondidos, divididos, fingindo ser pessoas heterossexuais. Assim, o seu comportamento social de gênero é heterossexual (Modesto, 2008, p.58).

O Brasil registrou, a partir dos anos 70, como vários outros países da América Latina, o surgimento e ressurgimento de um grande número de movimentos sociais, contextualizado num processo histórico, tendo como pano de fundo a ditadura militar, a lei da anistia e o processo de redemocratização.

Foram movimentos de classe: sindicais, urbanos e rurais, movimentos de caráter e classe, a partir de camadas populares, em nível de local de moradia, lutando por bens de consumo coletivo, nos setores de infraestrutura urbana, saúde, educação, transportes, habitação, etc., e movimentos sociais com problemáticas específicas sem serem de classes, tais como movimentos feministas, ecológicos, dos negros, homossexuais, pacifistas e etc.



Embora os movimentos sociais como problemáticas específicas serem de classes fossem minoritários no conjunto dos movimentos sociais, ocuparam, por um grande período, cenário de grande expressividade devido ao acesso que seus participantes usualmente têm junto aos meios de comunicação em massa.

Para Gohn (1991), os movimentos populares são quantitativamente os mais numerosos e, do ponto de vista político, os que têm gerado transformações sociais substantivas, dado o conteúdo de suas demandas, as relações que mantém com o Estado e o papel que desempenham na luta de classes mais geral.

Os movimentos sociais são analisados como sujeitos coletivos, não hierarquizados, na luta contra as discriminações e pela garantia dos direitos sociais, mas em bandeiras de lutas específicas por segmento.

O movimento LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) é um dos mais expressivos movimentos sociais de enfrentamento ao preconceito com relação à orientação sexual. A discriminação vivenciada por eles é exclusivamente decorrente da percepção conservadora que o conjunto da sociedade tem a respeito deles. Eles veem se constituindo como um espaço de extrema importância na luta por direitos, por visibilidade, abrindo espaços de aceitação, sobretudo através de bares, boates, lojas, produtos, marcas, manifestações culturais e na mídia por emancipação e justiça.

Segundo boletim do Grupo Gay da Bahia, número 27, ano XII em Agosto de 1993, o movimento de defesa dos direitos dos homossexuais, surgiu na Europa nos finais do século passado, tendo como principal bandeira a descriminalização da homossexualidade e o reconhecimento dos direitos civis dos homossexuais.

Também no boletim do Grupo Gay da Bahia o dia 28 de Junho de 1969 é a data que marca o início do movimento gay mundial, quando no Bar Stonewall, em Nova York, os homossexuais se rebelaram contra a perseguição policial, travando uma batalha de dias seguidos, comemorando, a partir daí, todo dia 28 de Junho como o dia “Dia Internacional do Orgulho Gay e Lésbico”.

Durante o Nazismo, mais de 300 mil gays foram presos no campo de concentração, e só depois da Segunda Guerra Mundial é que o movimento homossexual começa a se estruturar na Europa e nos Estados Unidos.

No Brasil após a abertura política, os espaços urbanos frequentados por homossexuais começaram a proliferar, dando mais abertura para a socialização deste segmento.

No quase 20 anos de existência do Movimento Homossexual Brasileiro, o movimento obteve importantes vitórias no reconhecimento dos direitos humanos dos gays e lésbicas.



Outra conquista foi na década de 80, o cenário do movimento homossexual brasileiro mudou bastante. Eles conseguiram que o Conselho Federal de Medicina declarasse que, no Brasil, a homossexualidade não mais poderia ser classificada como “desvio e transtorno sexual”, conforme trazia o CID – Código Internacional de Doenças.

A discussão sobre homossexualidade e a vivência das pessoas, enquanto homossexuais em relação à discriminação, irão explicitar a sociedade na qual nós vivemos e como essa sociedade encara o fato de alguns sujeitos serem homossexuais.

A luta por uma diversidade sexual é uma característica humana. Respeitar os princípios e as escolhas é entender que todos têm direitos. Não podemos submeter o outro à condição de sofrimento ou isolamento para exercer o direito de ser respeitado como cidadão e ser feliz.

O interessante como ponto de reflexão é a necessidade de entendermos que a questão da homossexualidade está inserida no nosso cotidiano. Fazem parte da nossa sociedade as diferenças entre homens e mulheres remetidas diretamente ao sexo. E, dessa maneira, não podemos tratar o assunto de uma forma tão imparcial ou secundarizada.

A luta por uma diversidade sexual é uma característica humana. Respeitar os princípios e as escolhas é entender que todos têm direitos. Não podemos submeter o outro à condição de sofrimento ou isolamento para exercer o direito de ser respeitado como cidadão e ser feliz.

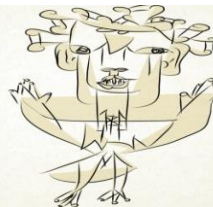
Ao longo dos anos, os órgãos federais, estaduais e municipais têm investido uma grande parte das suas pautas políticas em atividades de questões relacionadas com o gênero e a sexualidade, especialmente o combate à discriminação das pessoas LGBT e a promoção dos seus direitos no sentido da igualdade plena.

Promover à igualdade resguardando o direito a diversidade é um desafio do ESTADO e só se faz possível através da garantia dos Direitos Humanos para todas e todos, indiscriminadamente.

Afirmção dos Direitos Humanos, uma das mais fortes conquistas do século passado, impõe desafios a todas as nações, pois a realização desses direitos exige esforços cotidianos, especialmente, quando nos referimos a garanti-los para parcelas da população socialmente vulnerabilizadas e discriminadas.

As vulnerabilidades são impostas por preconceitos e discriminações e atingem os cidadãos e cidadãs por suas características pessoais, sejam elas de gênero, raça/cor, orientação sexual, identidade de gênero ou tantos outros atributos que fazem de cada um, um ser único e digno de respeito aos seus direitos individuais.

A população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais está entre aquelas alvo de inúmeras violações de Direitos Humanos em muitas partes do mundo.



No atual contexto social o Brasil vem atravessando caminhos que leva-nos a discussões sobre homofobia, uma vez que o debate sobre homossexualidade tem ficado em evidência nesse campo de estudos. Alguns fatos contribuíram para que este tema tornasse mais visível, como a primeira Conferência Nacional LGBT que ocorreu em Brasília em 2010, união estável, indagações sobre o casamento gay, a aprovação da PLC 122 (Projeto de Lei 122/2006, que criminaliza a homofobia no Brasil).

A escolha de discutir este tema como homofobia consiste em entender quais são os motivos que levam a pessoa a cometer tal violência. Além disso, constatamos, nos últimos anos, um aumento considerável de crimes dessa natureza no Brasil.

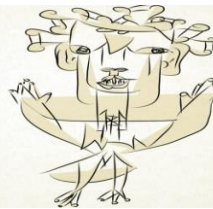
No início deste ano, entre eles, a reportagem que o jornal “Folha de S. Paulo” publicou uma matéria na edição de domingo (09/02/2014) propondo estratégias de segurança para a comunidade LGBT se protegerem contra crimes homofóbicos.

O conteúdo da “cartilha” propõe que as pessoas LGBT’s abram mão de uma série de conquistas pelas lutas ao longo dos anos e sigam algumas dicas, como: “Evite lugares abertos: ir a locais fechados sempre que possível para aumentar segurança”; “Não dar pinta: alguns trejeitos podem atrair a atenção de criminosos”; e “Evitar andar de mãos dadas e beijar em locais públicos”, o primeiro beijo gay entre o casal Félix (Mateus Solano) e Niko (Tiago Fragoso) no folhetim de Walcyr Carrasco, durante a exibição do último capítulo da novela “Amor à vida”, o casamento gay, aprovação da PLC 122 – (projeto de Lei que criminaliza a homofobia), o debate político de representantes da sociedade civil organizada, dentre os quais destacamos líderes políticos e religiosos como Silas Malafaia, líder da Igreja Assembleia de Deus/Vitória em Cristo (RJ), Jair Bolsonaro, militar da reserva e deputado federal PP/RJ, também deputado federal (PSC/SP) e pastor Marco Feliciano, que expressam ações contrárias aos direitos LGBT’s, acusando a mídia a fazer apologia em favor da aprovação da lei de homofobia.

Assassinatos a bordo: violência, medo, insegurança, agressividade e a falta de liberdade. A Homofobia entra em cena.

Há vários tipos de fobias, preconceitos e discriminações. Uma dessas discriminações que está mais em destaque nestes últimos tempos é a homofobia. Homofobia caracteriza aversão, medo e o desprezo por homossexuais, gays, lésbicas e bissexuais. O termo é como o racismo, antissemitismo e outras formas de intolerância, tendo em vista que a palavra fobia vem do grego e significa medo.

Muitos crimes e atos homofóbicos ocorrem em vários lugares do Brasil, desde a região Norte até o Sul do país. Em alguns locais, a notícia acaba em provocar debates acerca das agressões sofridas pela população LGBT, de forma sensacionalista, ou não, isentando uma verdade e a visibilidade do tema, repercutindo escândalos para chocar a



realidade. Este tema de movimento LGBT e homofobia não fazem parte da agenda do cotidiano dos meios de comunicação, ressalva, como situações pontuais, como Parada do Orgulho LGBT, ataques a homossexuais e a população “trans” nas grandes cidades, ou ainda com declarações equivocadas de políticos e celebridades.

Esse termo teria sido utilizado pela primeira vez nos Estados Unidos em meados dos anos 70 e, a partir dos anos 90, difundindo ao redor do mundo. A palavra fobia denomina uma espécie de “medo irracional”, e o fato de ter sido empregada nesse sentido é motivo de discussão ainda entre alguns teóricos com relação ao emprego do termo. Assim, entende-se que não se deve resumir o conceito a esse significado.

Podemos entender a homofobia, assim como as outras formas de preconceito, como uma atitude de colocar a outra pessoa, no caso, o homossexual, na condição de inferioridade, de anormalidade, baseada no domínio da lógica heteronormativa, ou seja, da heterossexualidade como padrão, norma.

Assim, podemos entender a complexidade do fenômeno da homofobia que compreende desde as conhecidas “piadas” para ridicularizar até ações como violência e assassinato. A homofobia implica ainda numa visão patológica da homossexualidade, submetida a olhares clínicos, terapias e tentativas de “cura”.

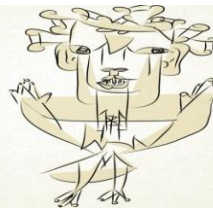
A questão não se resume aos indivíduos homossexuais, ou seja, a homofobia compreende também questões da esfera pública, como a luta por direitos. Muitos comportamentos homofóbicos surgem justamente do medo da equivalência de direitos entre homo e heterossexuais, uma vez que isso significa, de certa maneira, o desaparecimento da hierarquia sexual estabelecida, como discutimos.

Podemos entender então que a homofobia compreende duas dimensões fundamentais: de um lado a questão afetiva, de uma rejeição ao homossexual; de outro, a dimensão cultural que destaca a questão cognitiva, onde o objeto do preconceito é a homossexualidade como fenômeno, e não o homossexual enquanto indivíduo.

A discriminação é crime e quem a pratica pode ser punido. No estado de São Paulo, a lei estadual nº 10.984/2001 estabelece multas e outras penas para a discriminação de homossexuais de bissexuais e de transgêneros. Esta lei proíbe em razão da orientação sexual, da violência e de intimidações.

A homoafetividade, ainda é fenômeno pouco compreendido e duramente reprimido, seja a nível institucional, ou mesmo social e religiosamente, o que reflete nos crescentes índices de violência contra as populações LGBT, cujo combate encontra diversos obstáculos, demonstrando a necessidade da atuação do Estado no tema.

As denúncias de violência contra a população LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros) estão aumentando, mas as vítimas ainda temem



relatar às autoridades competentes as agressões, além dos que deixam de denunciar por desconhecimento de seus direitos ou por não saber como fazê-la.

Não consigo visualizar que qualquer forma de violência, possa ser caracterizada como algo “normal”, natural e de um “lugar comum” como escutamos de várias pessoas. É inegável que estamos vivendo tempos de barbárie, mas se ficarmos banalizando as questões sociais, não avançaremos no debate, desmitificando-o.

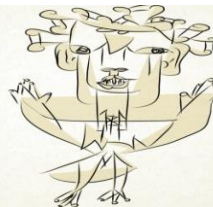
Nos dias de hoje assistimos manifestações de violência, uma crescente insegurança da sociedade clamando por segurança e paz, cada dia que passa vemos nos canais de comunicação que o fenômeno da violência não para de crescer. Tomando como base nas reflexões dos estudos da Hannah Arendt, que pensa a violência como consequência de pensar sobre a liberdade. A autora alerta para a falta de grandes estudos sobre o fenômeno da violência e a consequente banalização do conceito. Segundo esta autora, a violência caracteriza-se por sua instrumentalidade, distinguindo-se do poder, do vigor, da força e, mesmo, da autoridade. Não tenho a pretensão de uma resposta, mas uma reflexão acerca dos vínculos entre política e violência.

Faço uma pequena contribuição para o destaque da homofobia no espaço escolar. Se estamos falando de violência, não podemos fechar os olhos para a violência que acontece no cotidiano escolar com jovens e adolescentes LGBT's. Ainda há uma falta de sensibilidade da escola e dos professores/as de trabalhar esse tema e principalmente, acolher e saber lidar com essa diversidade que também faz parte do chão da escola.

Acontece que, o fato de não abordar isso, também é uma forma de violentar o direito da população LGBT que se encontra em grande parcela fora dos bancos escolares, principalmente se “der pinta”. Pode ser destacado o caso das travestis e transexuais que ainda encontram um difícil caminho na vida escolar e muitas delas, principalmente das classes populares, não concluem a escolaridade devida para ter uma possibilidade outra de vida.

Esse ainda é um limite na sociedade brasileira e educacional que precisa avançar e para isso também é necessário que na formação profissional essa temática seja introduzida de forma a levar a discussão teórica para o campo de prática, seja isso na formação do/a assistente social, do/a professor/a, do médico/a, do psicólogo/a etc.

Hoje em dia não é possível mais alimentar um discurso de que somos ou vivemos numa sociedade homogênea. Há uma diversidade enorme que salta aos nossos olhos e nos confronta no dia a dia. Isso é importante porque se desejamos lutar para efetivar direitos, é preciso reconhecer a igualdade na diferença e na diversidade, o que não pode ser traduzido e resumido em desigualdade e injustiça.



CONCLUSÃO

O presente trabalho visou a pesquisar um debate acerca da homofobia (violência verbal e física motivada por preconceito sexual). É importante que esclareçamos que todo trabalho científico que se dispõe a estudar as questões homossexuais, diversidade de gênero, direta ou indiretamente, remete à homofobia, visto que ambas as situações são produtos de um longo processo sócio-histórico e cultural.

Observamos um processo de exclusão, arbitrário, por parte da imprensa brasileira, no exercício da cidadania, contribuindo para o crescimento da homofobia, livre de uma sociedade voltada para a diversidade sexual. Percebemos avanços e conquistas que tornam mais visíveis o movimento LGBT, contrário às atrocidades cometidas por este Estado democrático burguês que levanta a bandeira que não existe racismo, preconceito e sexismo, mas não dá espaço para o diálogo para o processo de reabertura democrática e a publicização destes temas que estão presos no mundo privado e levados a uma discussão pública.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

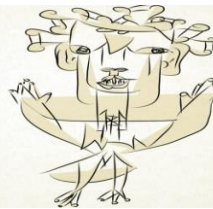
BENEDETTI, M. **Toda Feita: O corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENTO, B. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

_____. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

CASSEMIRO, L.C. **"Tenho direito de ser Amapô: as trajetórias de travestis e transexuais face s implementação das políticas públicas de Assistência Social e Saúde"**. 2010. 135 f. Dissertação de Mestrado (Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro, Departamento de Serviço Social, 2010.

_____, L. C. **Transcendendo o ideário de participação social: uma análise do acesso dos homossexuais masculinos às políticas públicas**. 2003. 148f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social). Universidade de Taubaté, Taubaté/SP, 2003.



COUTO, E. S. **Transexualidade**: o corpo em mutação. Salvador: Grupo Gay da Bahia; 1999.

FARINA, R.. **Transexualismo**. Do homem à mulher normal através dos estados de insexualidade e das parafilias. São Paulo: Novalunar, 1982.

FRY, Peter and Mac Era, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1982 (Coleção Primeiros Passos, 26).

GROSSI, Mirian P. Identidade, Gênero e Sexualidade. In: **Antropologia em Primeira Mão**. Florianópolis: PROAS/UFSC, 1995.

GOHN, Maria da Glória M. **Movimentos Sociais e luta pela moradia**. São Paulo: Loyola, 1991.

GREEN, J. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora Unesp, 2000a.

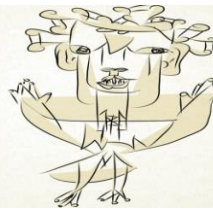
MODESTO, Edith. **Mãe sempre sabe?** Rio de Janeiro: Record, 2008.

MOTT, Luiz. **A cena gay de Salvador em tempos de AIDS**. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2000.

PERES, W. S. **Subjetividade das travestis brasileiras: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania**. Rio de Janeiro: Programa de Pós- Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Estadual do Rio de Janeiro. (Dissertação de Doutorado) 2005

SILVA, Hélio R. S. **Travesti a Invenção do Feminino**, Rio de Janeiro, Relume-Dumará, ISER, 1993.

SILVA, M. V. **Transcendendo o ideário do arco-íris**: da invisibilidade à efetivação de direitos. 2009. 133 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.



SILVEIRA, E. M. C. **De tudo fica um pouco**: a construção social da identidade do transexual. 2006. 302f. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Faculdade de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

TOSTA, A. L Z; PELÚCIO, L. Experiências plurais em categorias singulares: Problematizando a materialização das travestilidades. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder**. Florianópolis, 2008. 6 p.

VANNUCHI, P. Direitos Humanos e Políticas Públicas: o caminho para garantir a cidadania de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais. In: **Texto-base da Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais**, 2008, Brasília. Brasília: Governo Federal, 2008.